ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

LUCIANA DOS SANTOS KLAUSEN*

LUCIANA VILMA DOS SANTOS FAGUNDES*

RESUMO: O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica, tendo como objetivo discutir e compreender os processos de alfabetização e letramento, que ambos são processos diferentes cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, indispensáveis, no qual não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar e sim alfabetizar letrando. Para que este processo aconteça com eficácia, cabe ao educador contribuir para que os alunos consigam aproximar-se do sistema alfabético ao mesmo tempo em que se desenvolvam a capacidade de fazer uso da leitura e da escrita de forma competente e autônoma.

Palavras-chaves: Alfabetização. Letramento. Oralidade e escrita. A importância do lúdico.

Introdução

Nas sociedades antigas os povos se comunicavam através de desenhos chamados: Pictogramas e Ideogramas. O princípio para o domínio destas formas de linguagem era somente através da "memorização". Estas formas de linguagem davam conta da comunicação desses povos. Ainda nestas sociedades antigas surge entre os homens a necessidade de comunicar-se com outras civilizações mais distantes e então foi investida a forma "alfabética" de linguagem.

A escrita é uma prática social definida por vários fatores que atendem as necessidades de uma determinada época. O que vale dizer que para cada momento histórico a escrita assume um valor social.

Analisando a importância da linguagem oral e escrita, sente-se necessidade em repensar sobre a prática pedagógica para tentar romper a defasagem, entre a realidade da escola e do trabalho com a linguagem que é nela desenvolvida e o que se produz, se pesquisa, se conhece sobre a produção escrita e oral. Com o objetivo de tornar as crianças autoras, leitoras e escritoras.

No entanto, a criança é autônoma, é capaz de aprender por sua própria conta e iniciativa. Ela escreve textos a sua maneira e o professor deve procurar respeitá-la, como

* Filiação Institucional: UDE – Universidad de La Empresa – Facultad de Ciencias de la Educación - Montevideo – Uruguay – lucianask1@hotmail.com.

* Filiação Institucional: UDE – Universidad de La Empresa – Facultad de Ciencias de la Educación - Montevideo – Uruguay – lucianasantosfagundes@gmail.com.

indivíduo criador, contribuindo no sentido de orientá-lo, não esquecendo que os erros existem, e que é partindo deles que devemos iniciar o aprendizado.

Trabalhar com o texto, ainda segundo Klein, desde que seja mediado pelo educador é um trabalho valoroso. “A alfabetização fundada no texto não é apenas uma opção de partir do texto. Para acontecer, de fato, ela implica na compreensão do que é o texto e das relações intratextuais, e implica, sobretudo, desenvolver um processo sistematizado de estudo dessas relações”. (KLEIN, 1995, p.117).

Sendo assim a leitura e a escrita são importantes práticas para o letramento escolar. A partir do momento que o educando consegue identificar os símbolos da escrita ele inicia o seu processo de letramento. Porém para este processo tornar-se completo é necessário que a aprendizagem ocorra de forma significativa com a realidade do aluno.

A alfabetização e o letramento devem ser aliados na construção da aprendizagem das atividades de leitura. Para isso o professor – educador deve estar sempre atento às manifestações individuais dos alunos para que o mesmo possa desenvolver o senso crítico, e como educadores, temos que estar sempre revendo ás nossas práticas pedagógicas, pois precisamos cumprir nossa função social.

Para melhor compreender o estudo realizado, o artigo está organizado em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na seção 2 discute a Alfabetização e Letramento, a seção 2.1 Como contribuir para o desenvolvimento da oralidade e da escrita e na seção 2.2 A importância do lúdico neste processo.

2. Alfabetização e letramento

As práticas fundamentadas no construtivista nas últimas décadas trazem como ponto positivo a introdução ou o resgate de importantes dimensões da aprendizagem significativa e das interações, bem como usos sociais da escrita e da leitura, articulados a uma concepção mais ampla de letramento.

A alfabetização é um processo especifico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia, já o letramento é um processo que tem inicio quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de vida, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Sendo assim, a leitura e a escrita em si são suficientes para caracterizar o letramento. Ou seja, o letramento é mais do que a simples alfabetização. Um sujeito letrado será capaz de

além do código escrito desvendar a compreensão dos textos lidos, ele terá condições de absorver e transformar as informações contidas na leitura em conhecimento real.

Para Paulo Freire “Ser alfabetizado é torna-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la.” (PELANDRÉ, 2001)

No processo de alfabetizar letrando envolve-se uma concepção dialógica entre a integração humana através da linguagem. O alfabetizador precisa propiciar a mediação entre conhecimento de mundo e as diferentes modalidades de linguagem escrita.

Para que a criança adquira mais práticas orais e escritas o ambiente escolar precisa ser rico em experiência de leitura e escrita. “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrario: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das praticas sociais da leitura e da escrita” (SOARES, p.47).

Para Oliveira (2008) é inegável a importância da apropriação do sistema alfabético de escrita, mas a inserção social do leitor no mundo da escrita deve ter continuidade com intervenções didáticas sequenciadas e pautadas em diferentes gêneros discursivos, visando à formação de leitor crítico. Soares (2003) defende que, para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. Sendo assim o letramento envolve tanto a assimilação das técnicas para a alfabetização, quanto esse aspecto de convívio e habito de utilização da leitura e da escrita, logo, “se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”. (D.ESPINDOLA, apud Soares, 2009).

Em síntese, letramento é fazer o uso social de tecnologia da escrita, compreendendo as habilidades de ler e escrever informar-se no imaginário, estética, conhecimento, imergir no imaginário, interpretar e produzir tipos e gêneros de textos, utilizar a escrita para encontrar e fornecer informações e conhecimentos. O alfabetizador não deve esquecer a especificidade da alfabetização como domínio do sistema e do letramento também com sua especificidade que seria fazer com que o aluno se aproprie e se envolva em práticas sociais fazendo uso desse sistema. Portanto as relações entre alfabetização e letramento são caracterizadas pelo envolvimento das práticas de leitura e escrita em situações de intercambio social.

Segundo Soares (2003, p. 15,25) letramento é “o processo de apropriação das práticas sociais de leitura e da escrita” Segundo essa pesquisadora a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente pelos dois processos:

> “[...] alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este por sua vez, só

> se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência a alfabetização". (SOARES, 2004).

As práticas sociais que se realizam entre os sujeitos por meio da linguagem encontram-se inevitavelmente baseadas no letramento, condição em que existe um conhecimento sobre a escrita que as pessoas, mesmo sem saber ler ou escrever, dominam.

Por isso aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de codifica-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em beneficio de formas de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legitimas em um determinado contexto cultural.

2.1 Como contribuir para o desenvolvimento da oralidade e da escrita

Acredita-se que a quantidade de leitura é um dos fatores que favorecem a facilidade na redação bem como na produção de textos. As diversas opiniões de outros autores, a estrutura dos textos lidos, a relação de ideias facilitam a interpretação e criação de novos textos.

Quanto maior for à diversidade no vocabulário, melhor será a verbalização e a colocação das ideias, pois a diversidade proporciona clareza á produção textual.

Tanto quanto o conhecimento ampliado de vocábulos, o conhecimento linguístico da língua materna também é fundamental. Este fator propicia a elaboração de expressões e pensamentos que estreitarão a distancia entre a essência do pensamento com o entendimento do leitor.

"A língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo". (SIGNORINI, 1998, p.17).

O professor deve utilizar diferentes textos como os que circulam na vida real. Apresentar as crianças textos em diferentes suportes, propondo às estas, diferentes situações práticas de leitura e escrita tal como existem de fato dentro e fora da escola. Trabalhar a leitura de muitas maneiras, conversas sempre sobre os textos lidos trocando impressões, avaliando as suposições feitas relacionando a outros textos e às histórias pessoais.

Julga-se necessário criar situações em que as crianças possam antecipar o conteúdo do texto, fazer inferências a partir de informações prévias, em função do contexto ou de pista que lhe damos.

A leitura deve ser atividade diária na sala de aula, reservando-se períodos na semana para a leitura livre na qual a criança escolhe o que quer ler e o professor também lê seu livro, participando e dando seu exemplo de leitor.

O educador deve estimular as crianças a escreverem como se estivesse vivendo uma situação de comunicação real, com objetivos bem definidos. Esta prática é muito importante mesmo quando as crianças ainda não sabem escrever sozinhas. Neste caso, elas podem ditar para alguém, ou serem ajudadas por colegas, ou pela professora. Para tal a professora (deve): pode propor que a criança escreva textos coletivamente, partindo de algum ponto de interesse.

Sugerem-se projetos de escrita, por exemplo, livros de histórias infantis, de cantigas, de poemas, ou outros tipos de livro que podem envolver as demais áreas.

Incentivar as crianças a escrever o texto coletivamente, a partir de diálogos sobre a estrutura, completando ideias, reorganizando-as, modificando palavras e conectivos próprios da fala oral, cortando repetições, etc.

Dividir os alunos em grupos e ajuda-los a avaliar os textos que eles mesmos produziram, ajuda-los a perceber os erros cometidos dos textos, os trechos confusos, ver se o texto está coeso, etc.

Apresentar para as crianças o texto de uma história infantil (ou apenas um trecho contextualizado). Desenvolver atividades de leitura com o texto e propor a elas que reescrevam a história, mas em um gênero diferente.

Também, a partir do texto de uma história infantil, propor a elas que recontem a história, mas em um gênero diferente.

É muito importante que as crianças aprendam que a leitura também é um instrumento para o ócio e a diversão, uma ferramenta lúdica que nos permite explorar mundos diferentes dos nossos, reais ou imaginários, que nos aproxima de outras pessoas e de suas ideias, que nos converte em exploradores de um universo que construiremos com nossa imaginação.

O bom relacionamento entre professor e a criança é fundamental, a relação estreita produz segurança na elaboração e verbalização dos textos produzidos pelos mesmos.

A criança que não se preocupa em agradar o professor e nem tampouco de mostrar o seu pensamento, se atém a expressar-se sem inibições, mostrando clareza em suas ideias durante a elaboração de seus textos.

O meio ambiente também é um fator que interfere na formação e elaboração das ideias. A motivação é estimulo proveniente do meio em que a criança vive, contribuem para a formação de um bom leitor, dando suporte para que o mesmo produza seus propósitos textos com criatividade.

> O desenvolvimento da escrita pela criança submete-se as duas condições: ela precisa ser capaz de diferenciar o ambiente que a cerca em coisas de seu interesse e coisas utilitárias. Além disso, a criança deve ser capaz de controlar seus atos o que significará para ela o aparecimento das suas formas complexas de comportamento. Acontece uma evolução com relação aos atos externos, a manipulação de objetos, e aos atos internos, a organização das funções psicológicas. O precursor da escrita na criança é um auxilio técnico não diferenciado de memória, Um signo feito pela

> criança, embora sem conteúdo próprio, organiza seu comportamento indicado sem o determinar. (MATÊNCIO; 1998, p.36).

Por esta razão, é essencial trabalhar nas crianças a oralidade através de dramatização, versos, verbalizações de textos lidos, ou até mesmo, visualizações de histórias infantis.

A escrita acontece de forma natural onde seu aperfeiçoamento é observado e orientado gradativamente pelo professor.

Se adotarmos a concepção de que os usos das modalidades oral e escrita da linguagem se cruzam e são dependentes, não apenas do contato com a palavra escrita que o falante teve ao longo sua socialização, mas também da predominância funcional ou expressiva desse uso, o processo de escolarização deve pressupor essas particularidades é fundamentar-se nelas com um caminho para reduzir as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem em situação escolar.

> Considerando que vivemos em relação com o mundo que nos cerca, é fundamental a comunicação das energias efetivas geradas no nosso psiquismo. Sem ele seria impossível viver e o universo inteiro sofreria as consequências dos aprisionamentos egoístas de qualquer espécie de sentimento. (FERREIRA, 1985, p.109).

Ferreira ainda afirma que existe uma diversidade de formas e meios que dispomos para comunicar aquilo que sentimos, através da linguagem verbal, extra verbal ou até mesmo do silêncio.

Externamente os sentimentos de nosso interior, o que se manifesta de nosso intimo. Através de expressões nas quais podemos perceber a alegria, a dor, entre outras. A linguagem do sentimento é universal. Entretanto, nem sempre é fácil conseguimos comunicar aquilo que sentimos de forma objetiva e clara.

> [...] a relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mais um processo, um movimentos continuo de vai e vem do pensamento para a palavra, e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em sim mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. (VYGOTSKY, 1995, p.108).

Salienta-se, pois, que a chamada “expressão das ideias” é um tanto forçada. Se for a linguagem que organiza a nossa atividade mental, e se linguagem tem um caráter social, é histórico, fluindo na sociedade não admitimos que as “ideias” sejam absolutamente independentes em nossas mentes, bastando que, num dado momento encontre uma expressão” para elas. Nossa Mente será vista como povoada de linguagem interior diferente da qual a que aparece através de sons e letras, e mesmo sem termos conhecimento elaborado de como se dá essa passagem da linguagem interior para forma exteriorizada.

2.2 A importância do lúdico

A Criança vive em constante descoberta, buscando o novo a todo o instante, quanto mais relações diferentes ela tiver mais rico será seu mundo de informações. A brincadeira leva à descoberta de um universo ainda desconhecido e ao aperfeiçoamento do mundo já visto, fazendo-a traçar seus próprios caminhos.

Entretanto segundo Vygotsky (1992, apud, FONTES, 1994, p. 12):

> [...] em suas brincadeiras as crianças não se limitam a recordar experiências vividas como também as reelaboram criatividade combinando-as entre si e edificando com elas nova realidade conforme seus interesses e necessidades. O afã que sentem de fantasias as coisas é reflexo de sua atividade imaginativa.

Se brincar é instrumento importante para desenvolver a criança é também instrumento para a construção do conhecimento infantil. Por isso acredita-se no valor do lúdico para a formação integral do ser humano. Por isso a importância de vivenciar bem cada minuto da vida, logo, se na infância se aprende brincando é preciso ensinar brincando.

Atualmente, educadores e psicólogos ressaltam a globalidade do ser humano e do seu desenvolvimento, apontando a impossibilidade de se distinguir um aspecto somente motor, intelectual ou afetivo. A fonte de conhecimento da criança é a própria variedade de situações que ela tem a oportunidade de experimentar no seu dia- dia. Consequentemente a riqueza de estímulos que a criança recebe por meio das diversas experiências musicais contribui para o seu desenvolvimento intelectual.

Todos os aspectos do desenvolvimento estão intimamente relacionados e exercem influencia uns sobre outros a ponto de não ser possível estimular o desenvolvimento de um deles sem que, ao mesmo tempo, os outros sejam igualmente afetados.

No entanto, para efeitos didáticos podem-se estudar as contribuições da música para aspectos ou área do desenvolvimento infantil abordando-os em suas especificidades.

Considerada em todos os seus processos ativos (audição, o canto, a dança a percussão corporal e instrumental, a criança melódica) a música globaliza naturalmente os diversos aspectos a serem ativados no desenvolvimento da criança: cognitivo/linguísticos, psicomotor, afetivo/social.

Consequentemente, as brincadeiras musicais contribuem para reforçar todas as áreas do desenvolvimento infantil, representando um inestimável beneficio para a formação e o equilíbrio da personalidade da criança e do adolescente.

As vivências rítmicas e musicais, que possibilitam uma participação ativa quanto a ver, ouvir e tocar, também favorece o desenvolvimento dos sentidos da criança.

Verificar-se que, a partir das experiências musicais, o pensamento da criança vai se organizando. E quanto mais ela tem oportunidade de comparar as ações executadas e as sensações obtidas através da música, mais a sua inteligência, o seu conhecimento, vai se desenvolvendo.

O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento e a educação das crianças. O fato da criança, desde muito cedo, poder se comunicar através de expressões faciais, de gestos, sons e, mais tarde, representar determinado papel, há brincadeira que faz com que desenvolva capacidades importantes, tais como: atenção, imitação, pensamento, memória, imaginação. As brincadeiras propiciam o amadurecimento de algumas competências para a vida coletiva, com a interação e utilização das regras para exerce o papel social. Enfim, ao brincar, as crianças exploram, perguntam e refletem sobre as formas culturais e a realidade circundante, desenvolvendo-se psicologicamente e socialmente. Benjamim (1984, 9.64) afirma que "brincar significa sempre libertação, pois no jogo o relacionamento com o mundo circundamente é espontâneo e intuitivo".

O brincar é uma forma de linguagem. E esta linguagem surge, nos primeiros contatos dos bebês com seus pais ou com aqueles que cuidam deles através de uma atitude e uma linguagem segura, esses adultos estabelecem com as crianças laços de confianças que possibilitam o inicio do brincar. As brincadeiras de esconder ou achar, que fazer aparecer e desparecer objetos, auxiliam pouco a pouco, que as crianças elaborem a construção mental de um objeto ou pessoas ausentes. O mundo interno da criança pode, através do brincar, ser expresso e comunicado para as outras pessoas.

Sabe-se que brincar é algo que deve ser levado a sério, dentro dessa ideia Winnicotti (1975, p79) diz: "É no brincar e jogar que a criança usufrui sua plena liberdade de criação, Deste modo, dando vida aos personagens de seu universo imaginário através da brincadeira, a criança expande sua criatividade e manifesta desejos e sentimentos autênticos, por meio de situações simuladas nos jogos".

As interações no brincar, permitem que as crianças manipulem os objetos e entrem em contato com as propriedades e as funções desses objetos, aproximando das múltiplas formas de ser e pensar da sociedade. Nessa perspectiva, a criança aprende a comunicar e a expressar seus desejos e vontades.

Considerações finais

O presente artigo busca averiguar e analisar de que forma o educador poderá alfabetizar letrando. Permite-nos, enquanto educadores fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica, pois é necessário estarmos em sintonia e compreendermos o aluno para com ele estabelecer uma relação dialógica, significativa e compromissada com a construção do conhecimento. Neste sentido deve ser considerado relevante o conhecimento de mundo do educando, para que a prática educativa seja concretizada e elevada além do contexto escolar.

Sendo assim é impossível ensinar de forma autoritária, oprimindo participações e ditando verdades. Constatou-se neste artigo que para alfabetizar letrando, precisamos considerar a experiência de vida do aluno e seu conhecimento de mundo, respeitando as diferenças, o limite de cada um, baseando-se na generosidade, afetividade e deixa-las entrar em contato com textos dos mais diversos gêneros.

Portanto, o educador deve fazer a ponte entre a teoria e a prática; e deve refletir sobre seu papel na constituição do conhecimento de seu aluno e sobre a forma de desenvolver seu trabalho, a fim de levar seus alunos a serem líderes de si mesmos e serem questionadores, enfim, cidadãos que farão a diferença no mundo.

Considerando que ser alfabetizado, hoje é mais do que “decodificar” e “codificar” os textos. É poder estar inserido em práticas diferenciadas de leitura e escrita e poder vivenciá-las de forma autônoma, sem precisar da mediação de outras pessoas que sabem ler e escrever.

Como cabe a escola garantir a formação de cidadãos letrados, resta-nos construir estratégias de ensino que permitam alcançar a meta de alfabetizar letrando e este artigo nos aponta alguns caminhos para alcançarmos esta meta e com certeza em outro momento será dado continuidade neste estudo com intenção de contribuir para a formação dos educandos.

Referências

D’ESPINDOLA, Vamilson Souza. **Letramento, Leitura e Escrita.** Disponível em http://www.webartigos.com/. Acesso em: 23 Jan. 2017.

FERREIRA, E. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: Cortez,1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

KLEIN, R. **Trabalhando com o texto, por quê?** Caderno de alfabetização. Florianópolis, 1995.

MANTÊNCIO, M. L. M. **Leitura, produção de texto e escola:** reflexão sobre o processo de letramento, São Paulo: Mercado de letras, 1994.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividade de textualização,** São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Renata A. Jatobá de. **Concepções e Práticas escolares de Leitura do Brasil.** 1998. Disponível em http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/3205/2127 Acesso em: 13 mar. 2017.

PELANDRÉ, Nilcéa. **Alfabetizar letrando, um desafio. (**2001). Disponível em http://www.led.br/projetossociais/congressoeja. Acesso em: 25 fev. 2017.

SIGNORINI, I. **Linguagem e identidade:** elemento para uma discussão no campo aplicado. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema e três gêneros –** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A formação social da mente:** O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1994.